



Mídia-Educação e Projeto Jovem Aprendiz¹

Dra. Luzia M. Yamashita Deliberador²

Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

O presente trabalho apresentou como proposta uma prática educativa utilizando a mídia-educação como ferramenta para incentivar o comprometimento dos jovens com as questões da sua realidade, atuando como alicerce para a construção de sua cidadania. O objeto tomado para descrição e análise neste trabalho consistiu nos resultados obtidos por oficinas de identidade, cidadania, relação com a comunidade, leitura crítica da mídia, de rádio, televisão, jornal impresso, documentário e internet desenvolvidas pelos alunos do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá no Projeto Jovem Aprendiz em Maringá/PR, no período de agosto a dezembro de 2009.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia-educação, Jovem Aprendiz e Cidadania

Introdução

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 46% dos jovens brasileiros vivem na pobreza. Em virtude da necessidade de contribuir com a renda familiar, os adolescentes abandonam os estudos e procuram um trabalho, assim somente 25,8% dos jovens, entre 18 e 19 anos, têm como atividade exclusiva o estudo; no grupo de 20 a 24 anos, apenas 10,1%. Do outro lado, o número de jovens que apenas trabalham e não estudam é de 32,3% entre 18 e 19 anos e 50,4% entre 20 e 24 anos. (CONLUTAS, 2009).

O desemprego brasileiro atinge predominantemente os jovens. De acordo com um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a taxa de desemprego entre jovens de 15 a 24 anos é 3,5 vezes superior a dos adultos. Segundo dados da pesquisa, não apenas a taxa de desemprego dos jovens no Brasil cresceu ao

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, setembro de 2010.

² Professora do curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina e do curso de Jornalismo da Faculdade Maringá. Doutora em Ciência da Comunicação pela ECA/USP. E-mail: adeli@sercomtel.com.br.



longo dos últimos 15 anos como avançou mais do que a taxa de desemprego dos trabalhadores adultos (CONLUTAS, 2009).

O artigo 429, da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), estabelece que as empresas são obrigadas, independente do número de funcionários, a contratarem aprendizes. Jovens com idade entre 14 e 24 anos, matriculados em curso de aprendizagem profissional. A cota de aprendizes está fixada entre 5%, no mínimo, e 15%, no máximo, por estabelecimento. Por dois anos, o empregador se compromete a assegurar a este jovem formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a esta formação (BRASIL, 2008).

Dessa forma, o preparo técnico-profissional dos jovens realiza-se por meio de programas de aprendizagem desenvolvidos por instituições legalmente qualificadas: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Serviço de Aprendizagem do Transporte (Senat), Serviço Nacional de Cooperativismo (Sescoop), escolas técnicas de educação e outras entidades sem fins lucrativos.

Em Maringá-PR, o Centro Espírita Caminheiros - Encontro Fraternal Lins de Vasconcellos, uma entidade espírita sem fins lucrativos, localizada no Conjunto Residencial Guaiapó, em convênio com a Faculdade Maringá³, oferece o projeto Jovem Aprendiz e Vendas aos jovens aprendizes. O trabalho é desenvolvido com 60 jovens que foram selecionados entre mais de 300 concorrentes.

Os acadêmicos do quinto semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo das Faculdades Maringá atuam voluntariamente em projetos de atividades práticas das disciplinas de Comunicação Comunitária II e Mídia Educação II – realizando, por meio de dinâmicas de grupo, oficinas que surgiram da necessidade de aguçar o senso crítico e a capacidade reflexiva de jovens acerca de sua realidade e a do

³ O projeto Jovem Aprendiz e Vendas da Faculdade Maringá tem a participação de professores e acadêmicos dos cursos de Administração, Direito e Comunicação Social/Jornalismo e tem como objetivos: Proporcionar autoconhecimento e consciência dos próprios limites e possibilidades, visando o desenvolvimento da autonomia, sociabilidade, auto-estima e autoconfiança; Oportunizar aos adolescentes a consciência crítica da realidade atual, bem como o exercício da cidadania; Favorecer, através da profissionalização, os alicerces para melhorar a qualidade de vida pessoal, familiar e comunitário; Averiguar, junto aos mesmos, formas de assimilação de valores que sirvam de base para enfrentar os fatores que influenciam seu desenvolvimento sadio e integral, capacitando-os à organização de um projeto de vida; Contribuir para experiências positivas de inclusão social através de uma visão biopsicossocial; Oportunizar aos adolescentes garantia e cumprimento de direitos e deveres.



bairro onde residem. Como processo de educação não formal e tendo como meta o preparo dos jovens para o mercado de trabalho, consideramos importante a sua formação, primeiramente como cidadãos, para que possam ter e lutar por suas metas e ambições e, por isso, baseamos o trabalho na linha de educação não-formal, conforme definido por Maria da Glória Gohn:

A educação não- formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. [...] A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. (GOHN, 2006, p. 29).

A situação na qual os adolescentes integrantes do Projeto Jovem Aprendiz se inserem norteia aspectos relacionados à exclusão social, à conscientização cidadã e ao sentimento de pertencer à comunidade em que estão inseridos. Dessa forma, o grupo optou pela aplicação das oficinas Identidade, Cidadania, Relação com a comunidade, Leitura crítica, Rádio, TV, Impresso, *Blog* e Videodocumentário. A pertinência da elaboração de um *Blog* sobre o Projeto Jovem Aprendiz reside na utilização das oficinas como ferramentas no auxílio da promoção da cidadania e emancipação dos jovens e, concomitantemente, na contribuição do desenvolvimento de sujeitos da ação, pois

Falar em sujeito é falar em cidadão. E ser cidadão não é só ter o direito de votar e ser votado, de ir e vir, de interferir ao nível político, ter seus direitos assegurados legalmente e participar culturalmente. É também ter o direito de participar como sujeito da produção de bens e da sociedade e de gerir e usufruir, com igualdade, dos bens e da sociedade. Portanto, participação é um ato político e um ato educativo [...] diz respeito não só a participação política, mas também sócio-econômica e cultural (PERUZZO, 1995, p.156).

O conceito de cidadania se desenvolve em torno do termo participação. Conforme Peruzzo (2001, p. 114), “a conquista da cidadania requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu status de cidadãos à qualidade de participação”. A partir desta perspectiva, a viabilidade do Projeto Jovem Aprendiz se verifica na integração dos jovens, de modo participante, a uma sociedade em que a falta de conhecimentos específicos e a inexpressiva experiência profissional são variáveis que os excluem do mercado de trabalho:

A participação popular é algo construído dentro de uma dinâmica de engajamento social mais amplo em prol do desenvolvimento social e que tem o potencial de, uma vez efetivada, ajudar a mexer com a



cultura, a construir e reconstruir valores, contribuir para maior consciência dos direitos humanos fundamentais e dos direitos de cidadania, a compreender melhor o mundo e o funcionamento dos próprios veículos de comunicação de massa. Se revelam, assim, como espaço de aprendizado das pessoas para o exercício de seus direitos e a ampliação da cidadania (PERUZZO, 2001, p.11).

Para este engajamento social amplo, buscamos na Mídia-educação a base para o desenvolvimento das oficinas. O objetivo da pesquisa consiste em avaliar a possibilidade da Mídia-educação incorporar em sua prática elementos que a tornem instrumento de promoção de um sentimento de pertença e, conseqüentemente, incitem a promoção de um sujeito atuante, crítico e comprometido com a sua realidade. No sentido apontado pela pesquisadora Adela Cortina:

Entre as diversas razões para a atualidade do termo cidadania, uma constitui o alicerce sobre qual e assentam as outras: a necessidade, nas sociedades pós-industriais, de gerar entre seus membros um tipo de identidade na qual reconheçam e que os façam sentir pertencentes a elas. (CORTINA, 2003, p.16)

A mídia-educação e a formação cidadã

Calcada em uma sociedade cuja principal característica advém de seu processo de midiaticização, a interface entre Comunicação e Educação vem tomando espaços nas discussões atuais, sobretudo no que se refere à leitura de mundo representada pelos meios de comunicação e à qual os jovens se baseiam para construir a sua realidade. A escola e a família já não são mais as instituições que, exclusivamente, se encarregam da educação, uma vez que a mídia tem tomado para si esse papel. Pensar em uma educação através dos meios de comunicação, que prepare receptores críticos, conscientes e capazes de produzir uma resposta a esses meios torna-se uma necessidade urgente.

Conforme Deliberador e Lopes (2009, p. 8),

Ao aliar a educação através da mídia com propostas que estejam embasadas na realidade dos educandos, visando não somente um processo de leitura crítica da mídia ou o processo de cognição interferido pela midiaticização da sociedade, mas que estes jovens possam também fazer uso destes meios para o desenvolvimento de sua comunidade e para o fortalecimento de um sentimento de pertença, a mídia educação toma para si uma formação cidadã arraigada na reflexão crítica da realidade.



Na mídia-educação, conforme Mônica Fantin:

[...] as dimensões de educar com, sobre, para e através dos meios são dimensões de um fazer-refletir a educação para os meios. Considerando que num processo de apropriação crítica e criativa sempre se aprende através das mídias, seja com ou sobre elas, as práticas da mídia-educação dizem respeito à sua concepção como objeto de estudo, como instrumento de aprendizagem e como forma de cultura (FANTIN, 2006, p.86).

Preparar os jovens para o concorrido mercado de trabalho significa também capacitá-los para a interação com os colegas e com o público e se expressar frente às diferentes situações do cotidiano do trabalho e pessoal. Segundo Francisco Gutierrez:

É missão dos educadores encontrar através de uma pedagogia fundamentada nos meios de comunicação, as possibilidades que permitam ao homem uma maior expressividade. Não é um sonho irrealizável criar uma série de condicionamentos que, baseados nos meios de comunicação social, permitam ao homem expressar-se com o máximo de criatividade (GUTIERREZ, 1978, p. 6).

A partir das considerações acerca dos fundamentos da mídia educação e de sua prática voltada para uma formação cidadã e sua identificação com a realidade dos jovens aprendizes, optamos por trabalhar a metodologia pesquisa-ação, que:

[...] é uma pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Nessa direção, a professora Cicília Peruzzo (2005) defende a importância da pesquisa ação como meio de contribuição da comunicação em prol de uma comunidade. Para ela, este método de pesquisa pode contribuir sobremaneira com a inclusão do pesquisador no ambiente onde será realizada a pesquisa. Assim, a presença dos acadêmicos do curso de jornalismo em sala de aula, trabalhando diretamente com o Projeto Jovem aprendiz, possibilitou-lhes “ver as coisas por dentro”, como determina a metodologia de pesquisa-ação.

A experiência das oficinas

O trabalho com oficinas de aprendizagem, no campo da comunicação, procura contribuir com os modos de expressão nos redutos populares e foi selecionado para ir de encontro aos ideais de Paulo Freire, que salienta a necessidade de uma participação ativa e decisiva no modo de ensinar, na qual o aprendiz não deve vir apenas do



educador, mas também do educando, para que haja então, uma libertação do cômodo, do alheio e do neutro. Para o educador Paulo Freire:

Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um ‘compromisso’ contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutro. (FREIRE, 2001, p. 19).

Considerando-se esses conceitos, é indispensável uma colaboração de ambos os lados, ou seja, tanto dos pesquisadores (os acadêmicos⁴) quanto da unidade pesquisada (os jovens⁵ do Projeto Jovem Aprendiz), pois assim colocou-se em prática a concepção de que “a educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém” (FREIRE, 2001 p. 28) e não existe ignorância absoluta, apenas uma relação entre saber e ignorância. Ainda é Paulo Freire quem afirma que:

Por isso não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro. (FREIRE, 2001, p. 29).

As atividades com as oficinas permitiram uma valorosa troca de experiências entre os acadêmicos e alunos do projeto. Uma via de mão dupla na qual se instrui e também se aprende, assumindo o papel do outro para então atingir o “sentido de suas ações”. O resultado dessa interação possibilita ao aprendiz despertar para uma visão crítica da mídia, além do reconhecimento do “eu” e de seu papel na comunidade, além de conhecer as ferramentas de comunicação e, havendo interesse, criar um veículo de voz à comunidade.

Identidade e Cidadania

Todo o processo foi discutido em sala de aula, entre os acadêmicos, semanalmente, desde a sondagem inicial *in loco*, elaboração do projeto, o andamento das oficinas, sua avaliação, até as mudanças baseadas em diário de campo. As tarefas sempre foram

⁴ Vamos denominar **acadêmicos** os alunos do Curso de Comunicação social/Jornalismo.

⁵ Vamos referir ao Jovem aprendiz como “**jovem** (s)”.



divididas e as responsabilidades cobradas coletivamente. O trabalho foi coletivo e contribuiu para a formação dos futuros jornalistas.

Na oficina “Identidade”, os jovens foram divididos em três grupos para realização de atividade com massa de modelar, tendo como objetivo a troca de experiências, autoconhecimento e interação entre os jovens. A proposta dessa atividade se resumiu na criação, com a “massinha”, de objetos que os representassem.

Após moldarem as figuras, os jovens falaram um pouco de si e explicaram o porquê daquela figura. Por mais que houvesse agitação por parte dos alunos, logo que distribuída a massa de modelar, eles começaram a produzir. Alguns ficaram sem saber o que criar, outros se prontificavam a ajudar.

Jonathan Martins, 18, fez um coração e o planeta Terra, e explicou seu objeto. “Não vim à toa para o mundo, cada um tem sua missão aqui e eu acredito que estou cumprindo a minha”. Lorena Thomás, 15, modelou um coração com duas pessoas. Para ela, essas duas pessoas devem se respeitar, mesmo agindo de maneira diferente, e não criticar o que os outros fazem.

O tema “Identidade” serviu para que eles conhecessem um pouco mais sobre si próprios. Segundo Freire (2007, p.27), “O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca”.

Na primeira etapa da oficina “Cidadania”, discutiram-se os significados para a palavra cidadania, o que é ser cidadão e ainda os deveres e direitos. Em seguida, foram apresentados três vídeos sobre o tema. Logo após a exibição, foi aberta a discussão sobre o assunto. Na segunda fase, os alunos dividiram-se em grupos para relatar uma situação em que tivessem vivenciado um exemplo de cidadania, além de propor formas de participação na promoção da cidadania no bairro onde moram.

Esta atividade teve como objetivo possibilitar aos alunos uma reflexão sobre o que é cidadania, e sobre o que fazem para construir e melhorar a imagem da comunidade em que vivem. Os depoimentos foram escritos em cartazes e um jovem de cada grupo apresentou a resposta para toda a sala. Essa exposição resultou em diversos questionamentos, desabafos e observações sobre discriminação e exclusão social. A observação unânime da turma foi que “quem é rico tem mais direito do quem é pobre”.



Érica Morais, 15, disse que “as pessoas que estão na rua não têm oportunidades, se tivessem seriam diferentes. Nós aqui temos oportunidade de ser alguém, o que não acontece com todos”.

Para a maioria dos jovens do projeto o termo cidadania é o exercício do voto e está ligado a dinheiro e oportunidade. Segundo suas declarações, eles sofrem discriminação pela classe social, pois as pessoas os vêem como marginais, por morarem na periferia da cidade, e os mais favorecidos economicamente possuem mais oportunidades. É evidente o desconforto que eles têm em relação a essa imagem criada. Ao julgar e discriminar, a sociedade estabelece um bloqueio aos direitos desses jovens. De acordo com José de Souza Martins:

O rótulo acaba se sobrepondo ao movimento que parece empurrar as pessoas, os pobres, os fracos, para fora da sociedade, para fora de suas “melhores” e mais justas e “corretas” relações sociais, privando-as dos direitos que dão sentido a essas relações. Quando, de fato, esse movimento as está empurrando para “dentro”, para a condição subalterna de reprodutores mecânicos do sistema econômico, reprodutores que não reivindicam nem protestem em face de privações, injustiças e carências (MARTINS, 1997, p. 16-17).

Essa oficina mostrou que o conceito de cidadania não é puro e unicamente o ato de votar, e sim, que expressa uma conjuntura de direitos que dão possibilidades de participação ativa na vida social, tomando decisões de interesses coletivos.

Conforme Cícilia Peruzzo:

[...] falar em sujeito é falar em cidadão. E ser cidadão não é só ter o direito de votar e ser votado, de ir e vir, de interferir ao nível político, ter seus direitos assegurados legalmente e participar culturalmente. É também ter o direito de participar como sujeito da produção de bens e da sociedade e de gerir e usufruir, com igualdade, dos bens e da sociedade. Portanto participação é um ato político e um ato educativo. [...] Diz respeito não só a participação política, mas também sócio-econômico e cultural (PERUZZO, 1995, p. 156).

Relação com a comunidade

A oficina de “Relação com a comunidade” teve como objetivo levar o jovem à reflexão sobre o seu bairro e despertar o sentimento de pertença. A realização desta oficina permitiu aos alunos conhecer um pouco mais o lugar onde residem⁶. Na primeira etapa,

⁶ Na oficina anterior, foi entregue a eles um questionário sobre o bairro. As perguntas eram sobre o que gostavam ou não, os pontos positivos e negativos e o que fariam para mudar a realidade de onde residem.



eles ficaram em círculo e lhes foi pedido que apresentassem informações sobre o lugar onde moram, aproveitando para convidar os colegas a conhecerem tais localidades. Na segunda fase, foi proposta aos jovens a elaboração de uma carta destinada à Prefeitura do município.

Eles redigiram uma carta endereçada ao prefeito da cidade, solicitando melhorias para o bairro. As cartas foram escritas individualmente e em grupo, para aqueles que residiam no mesmo bairro. Os jovens residentes nos bairros Tarumã II, Batel, João-de-Barro I, Jardim Alvorada, Jardim Paulista, Jardim Liberdade, Residencial Guaiapó e Conjunto Requião pediram mais segurança para evitar assaltos e tráfico de drogas. Também solicitaram melhorias na saúde pública, pois a maioria dos bairros não tem postos de saúde, áreas de lazer, quadras de esportes ou centros culturais. Além de obras de infraestrutura como saneamento básico, asfalto, iluminação, também foi requerido pelo grupo mais flexibilidade nos horários do transporte coletivo. Ao final do dia o prefeito (surpresa preparada pelos acadêmicos) foi à escola pessoalmente e solicitou que alguns jovens lessem as suas cartas. O prefeito cobrou deles também a responsabilidade de zelar pelos bens da comunidade, explicando que cidadania não são só direitos, mas também deveres.

Para os jovens foi de suma importância a presença do prefeito, pois se sentiram valorizados e respeitados como cidadãos e perceberam que eles podem dialogar sobre seus bairros com o executivo.

Leitura crítica da mídia

A oficina de “Leitura crítica da mídia” teve como objetivo principal desenvolver o senso crítico em relação aos meios de comunicação e mostrar como a mídia influencia a opinião dos indivíduos. Para atingir esses resultados, foram analisados os programas preferidos pelos jovens: *CQC*, *Caldeirão do Huck*, *Pinga Fogo*, *Malhação*, *Jornal Nacional* e *Maringá Urgente*. A turma foi dividida em grupos, para identificar, analisar e explicar os pontos positivos e negativos do conteúdo assistido. “O programa mostra o jovem como uma ‘coisa’ e não como uma pessoa”, comentou o aprendiz Douglas Alexandre, 15, referindo-se à telenovela *Malhação*. Por meio de um olhar crítico, os jovens apontaram que a realidade apresentada na novela é diferente da vivida pela maioria deles. “A TV é o espetáculo, tem seus interesses e ideologias, sempre tudo



acaba em final feliz, mas sabemos que na vida real não é bem assim”, comentou a aluna Ariane, 16.

Rádio, TV e Impresso

A oficina de “Rádio” começou com uma encenação sobre o trabalho e o funcionamento de uma emissora de rádio. Em seguida, os acadêmicos fizeram um breve relato sobre a história da radiodifusão no Brasil, ressaltando a diferença entre uma emissora AM e FM, a interação com ouvintes e o imediatismo desse veículo. Para exemplificar o funcionamento foi propiciada a participação de um jovem, ao vivo, através do celular, da programação de uma emissora local.

Na segunda etapa, os alunos puderam optar entre criar e encenar uma radionovela ou um noticiário. Venceu a radionovela. Os jovens, então, foram divididos em dois grupos, montaram o texto (história), ensaiaram as falas e encenaram os personagens. O objetivo dessa oficina foi mostrar como funciona uma emissora de rádio por trás das caixas de som: as técnicas, a entonação, a interpretação e o texto.

Na primeira ação da oficina de “TV” a abordagem foi a montagem de um telejornal, ensinado truques e técnicas da televisão. Para isso, os acadêmicos apresentaram um vídeo com os gêneros básicos desse tipo de informativo. Antes de iniciar a produção prática, os coordenadores explicaram o significado de *stand’up*, entrevista, escalada, nota coberta, nota pelada⁷. Os alunos foram divididos em grupos de três para escreverem sobre o Projeto Jovem Aprendiz e durante a realização desta etapa foi trabalhado o texto para TV⁸. O jornal “Aprendiz para o futuro”, nome escolhido pelos jovens teve como tema o próprio projeto. Eles entrevistaram outros colegas sobre o porquê fazer parte do projeto, o que este significa na vida de cada um, além de pretensões futuras e quem os incentiva.

Na oficina de “Impresso” o objetivo foi apresentar um jornal impresso. Os alunos leram matérias, criticaram, foi repassado como escrever textos para um jornal, alguns princípios básicos para elaboração de textos, a apresentação dos elementos para

⁷ *stand’up* - momento em que o jornalista fala sozinho, sem o entrevistado; Entrevista - bate-papo ou perguntas e respostas; escalada - chamada das notícias; nota coberta - o jornalista fala, mas o que aparece são as imagens; nota pelada - o jornalista fala, mas não aparece imagem.

⁸ Texto curto, contendo necessariamente o *lead* - quem, que, como, quando, onde e por que.



produção de um jornal, diagramação, importância da circulação do jornal e do fotojornalismo. Essas foram questões discutidas antes da produção. Os jovens redigiram os textos, fazendo entrevistas entre eles, optaram por elaborar um jornal sobre as oficinas trabalhadas, cada aluno escolheu uma das oficinas e um entrevistado. O nome do periódico *Jornal Aprendiz* foi escolhido por eles.

Na avaliação dos jovens, agora eles têm noção mais clara da mídia, dos acontecimentos e da realidade que os cerca. “Agora não é só música. Agora a gente sabe o que está passando por trás”, diz Francielle dos Santos, 17. “Me sinto um vencedor fazendo essas tarefas, porque eu não acreditava ser capaz e leve aprendizado daqui”, relata James Watson Filho, 15.

Blog

A proposta dessa oficina foi ensinar os jovens a criar um *Blog*, para utilizá-lo como ferramenta do Projeto Jovem Aprendiz, ou seja, como um meio de expressar idéias, objetivos, trabalhos realizados, etc. Foi trabalhada a história da internet, as finalidades de algumas redes sociais como *Orkut*, *Twitter*, *Youtube*, *MSN* e outras. Depois de muitas discussões criaram um *Blog* individual e um do projeto. Constatou-se o pouco conhecimento dos alunos sobre essas tecnologias.

Mesmo não sendo o ideal, o resultado da oficina foi positivo, tendo em vista que alguns jovens descobriram a importância da internet e de suas ferramentas como forma de divulgar ideias.

Documentário

Esta oficina foi acrescida a pedido dos jovens. O objetivo da oficina foi demonstrar a produção de um documentário, sua importância, as etapas da produção, documentar o trabalho realizado no projeto, demonstrar a contribuição da comunicação no desenvolvimento pessoal e comunitário, mostrando um pouco a história de cada um dos jovens seus depoimentos sobre o projeto, suas experiências com o trabalho. Os jovens participaram das gravações, da escolha das trilhas, fizeram entrevistas e gravaram.



Análise do trabalho na visão dos jovens aprendizes e da coordenadora do projeto

Percebe-se que os adolescentes integrantes do Projeto Jovem Aprendiz compartilham entre si as mazelas da exclusão social que, conforme José de Souza Martins, empurra os indivíduos para fora de relações mais justas na sociedade e os tornam, sobretudo, “carentes de vida com sentido, que essa, sim, é a exclusão historicamente maior e mais grave” (MARTINS, 1997, p. 10). Camila, 16, relata: “Já me disseram que eu chegaria à escola com o pé sujo porque eu moro no Requião⁹. No que diz respeito ao sentimento gerado pela exclusão social, nota-se que os participantes do Projeto Jovem Aprendiz acreditam que classes sociais abastadas financeiramente “têm mais direito do que quem é pobre”, observação uníssona, feita pelos jovens do Encontro Fraternal Lins de Vasconcelos durante a oficina de cidadania.

A percepção acerca dos direitos, dos deveres, das possibilidades de reivindicação e mudança são constantes intrínsecas à cidadania. De acordo com Dallari (1998), cidadania significa a autoconscientização para o abandono da condição de excluído da esfera social. Assim,

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social (DALLARI, 1998, p.14)

Diante do exposto, as nove oficinas trabalhadas com os adolescentes integrantes do Projeto Jovem Aprendiz visaram contribuir na educação para a convivência social e exercício dos direitos e deveres dos jovens, considerando que educação “significa educar para a sociedade. É a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas de convivência social” (Peruzzo, 2001, p.116).

Não obstante, a interferência na comunidade ao qual o jovem está inserido é uma maneira de, segundo Freire (2007, p.30), “conseguir que o educando reflita sobre a própria realidade. Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. Além disso, trabalhando com esses

⁹ Conjunto Habitacional Requião localizado na zona norte de Maringá-PR, lançado na década de 1990, em uma parceria entre Prefeitura e Governo do Estado. Dividido em quatro partes. Por ordem de inscrição e com base nos critérios do programa habitacional, as casas da Parte I foram ocupadas por famílias pobres. A exigência era de que o responsável estivesse desempregado e a família tivesse, no mínimo, cinco filhos. A maioria dos jovens participantes do projeto reside nesse bairro.



conceitos e aplicando tais oficinas, promove-se a libertação de indivíduos para uma conscientização da realidade em que estão inseridos, designando-os a processos de reflexão.

Para a professora Elizabeth Camilo¹⁰: “O projeto de comunicação fez com que estes jovens vislumbrassem outro caminho a seguir, e que eles são capazes de encontrar e resultar em uma vida plena de realizações e êxitos, com obstáculos é claro, mas quem não os tem? Todavia, ter obstáculo e saber que podemos superá-lo é bem diferente”. Ainda, segundo a Professora Elizabeth Camilo:

Estes jovens estão empregados, ou ainda aqueles que não possuem idade para tal estão inseridos em outros projetos, mas agora como participantes do desenvolvimento de outros. O resultado também foi que de uma das adolescentes que fizeram parte do projeto conseguiu levar até o interior da família o que a disciplina estava transmitindo para eles. E sua mãe voltou a estudar e se formou em Pedagogia através do Projeto parceria entre a Prefeitura Municipal de Maringá e o INSEP – Instituto Superior de Educação do Paraná, ou seja, os resultados foram muito além do que esperávamos.

Considerações Finais

O projeto “A contribuição da comunicação comunitária na formação do cidadão” foi uma oportunidade única de concretizar o que os acadêmicos aprenderam em sala de aula. Esta experiência possibilitou o contato com a Comunicação Comunitária e Mídia e Educação e compreender como a prática contribui na formação acadêmica do jornalista. O que se aprende na teoria é muito diferente na prática e, para futuros jornalistas, é fundamental conhecer e praticar a teoria aprendida, tanto para o crescimento profissional quanto pessoal.

De acordo com o depoimento do acadêmico Diego Fernandes Pereira¹¹:

Com o projeto, através das oficinas, esses jovens passaram a acreditar mais no ‘eu’, na capacidade que possuem para opinarem e mudarem positivamente a realidade em que estão inseridos. Aprenderam mais sobre cidadania e ‘abriram a cabeça’ ao lidar com a mídia e puderam através da mídia, praticar e refletir sobre a sua realidade e do seu bairro.

¹⁰Professora Elizabete Camilo é a coordenadora do Projeto Jovem Aprendiz pela Faculdade Maringá.

¹¹ Diego Fernandes Pereira é acadêmico do Curso de Comunicação Social da Faculdade Maringá e um dos responsáveis pela redação do trabalho desenvolvido pelos alunos.



Além de contribuir para que os jovens da comunidade passassem a acreditar mais em si, o projeto possibilitou que os acadêmicos também despertassem para aquela realidade social. Ainda de acordo com Diego Fernandes Pereira:

Com os depoimentos, com a realidade contada, em cada olhar de medo e insegurança, cada voto de confiança depositado nos acadêmicos fez com que parassem para refletir sobre a vida, sobre como é ensinar e participar da transformação de indivíduos. Em cada história apresentada, uma ‘pitada’ de garra e determinação foi percebida, servindo de incentivo para acolher as oportunidades que passam a frente e muitas vezes não se dá o devido valor. A troca de experiências de um grupo heterogêneo - aprendizes e acadêmicos - fez com que os primeiros vislumbassem a possibilidade de crescimento (se esses jovens podem, eu também posso) e os acadêmicos ampliaram a visão de mundo através de uma realidade diversa do seu dia-a-dia.

Sobre essa integração entre jovens acadêmicos e aprendizes, o coordenador do projeto Nassif Curi Neto¹², declarou que “foi uma experiência muito vibrante, muito estimulante, porque são jovens com potencial enorme e estimulou a participação dos meninos”. Curi Neto disse também que mostrar novas profissões para os adolescentes foi muito importante, porque, a princípio, eles não conheciam e “essa participação dos jovens foi fundamental porque eles têm uma linguagem própria, então interagem”.

Na opinião dos jovens sobre o trabalho realizado: “Essa experiência que passei foi boa e tenho certeza que meus pais não tiveram essa oportunidade. Aprendemos os deveres do dia-a-dia e projetos para nosso futuro. Tudo que aprendi e passei foi muito bom. Vou agarrar as coisas com força agora”. Franciele Nicolau, 15. Já Francielle dos Santos, 17, declarou: “Quero continuar aqui no projeto, mas não como aprendiz, mas sim ajudando os próximos aprendizes a superar os limites deles”.

As declarações dos participantes do projeto deixam claro que as experiências adquiridas (em ambos os grupos – acadêmicos e aprendizes) e o projeto “A contribuição da comunicação no desenvolvimento pessoal e comunitário” conseguiram fazer com que os jovens e acadêmicos, através da reflexão crítica sobre a realidade que estão inseridos, desenvolveram a criticidade e o comprometimento com a realidade em que vivem.

¹² Coordenador do projeto pela entidade Encontro Fraternal Lins de Vasconcelos.



Referências

- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho. **Manual da aprendizagem: o que é preciso saber para contratar o jovem aprendiz.** Brasília: MTE, Assessoria de Comunicação, 2008.
- COORDENAÇÃO NACIONAL DE LUTAS - CONLUTAS. **46% dos jovens brasileiros vivem na pobreza.** Disponível em: <http://www.conlutas.org.br/exibedocs.asp?tipodoc=noticia&id=1785>. Acesso em: 26 nov. 2009.
- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo, para uma teoria da cidadania.** São Paulo: Loyola, 2003.
- DALLARI, D. A. **Direitos humanos e cidadania.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- DELIBERADOR, Luzia M. Yamashita. A importância da comunicação e do exercício de cidadania para mudar a realidade de uma escola pública. Caso do Colégio Estadual do Jardim Independência, Sarandi/PR. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007, Santos - São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em www.intercom.org.br. Acesso em: 25 abr. 2008.
- FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- . **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- . **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: **Ensaio: aval. pol. publ. Educ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan/mar. 2006.
- GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total.** Uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo: Sumus, 1978.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.
- PERUZZO, Cecília M.K. **Comunicação e culturas populares.** Coleção GT'S – Intercom n. 5, SP, - Intercom/CNPQ/FINEP, 1995.
- . **Comunicação comunitária e educação para a cidadania.** São Paulo: PCLA – v.4 – n. 1, out. / nov. / dez., 2001.
- . Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação: observação participante e pesquisa-ação. Atlas: São Paulo, 2005. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.